

CONFIDENCIAS D'UM JUIZ...

Os Crimes da Formiga Branca

O CASO DO TENENTE SOARES

1.ª Edição

PREÇO 50 RÉIS



BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA

3.34

RI

PAPELARIA E TIPOGRAFIA LIBERTY

LAMAS & FRANKLIN

R. LIVRAMENTO, 88, 90 — LISBOA

1915

3917

Pedidos a Lamas & Franklin
Rua do Livramento, 88 e 90 — Lisboa

Editor, J. ROCHA JUNIOR

BIBLIOTECA DULCE FERRÃO
OPERTA - 31 JAN. 2001

2917
M

OS CRIMES

DA

FORMIGA BRANCA

*Confidencias viridicas e sensacionaes
d'um Juiz de Investigaçãõ*

Publicação semanal em
folhetos de 16 paginas.



INV509549

1915
LAMAS & FRANKLIN
Rua do Livramento, 88 e 90
LISBOA

343.34
CRI

Editor, J. ROCHA JUNIOR



A PRIMEIRA VICTIMA

Ali se concertou vigiar o tenente, seguil-o, e em ocasião propicia liquidal-o á bengalada ou a tiro. O celebre dr. Ramires e o irmão, haviam-no declarado conspirador perigoso e chefe do comité monarchico do Algarve. A alguém que lhe objectara ter sido o Soares

O caso do Tenente Soares



Resolvida, pelo comité secreto, a morte do 2.º tenente da armada Alberto Soares, reuniram-se no dia seguinte, os encarregados de tal execução na alfaiataria Freitas, cujo atelier se encontra actualmente transformado em casa de perfumes conhecida pela Perfumaria Mimososa. (A. do Buro,)

absolvido pelo Tribunal que o julgára e haver portante duvidas a respeito da sua culpabilidade, ajuntára e e que: tanto os juizes como o juri que o absolvera, eram talassas e mereciam egual sorte á do reu, e que visto as autoridades assim procederem, era necessario que os defensores da Republica executassem eles proprios as suas condemnações.

O tenente Soares á sua volta do Algarve, fôra logo visto por alguns formigas, os quáis haviam estabelecido como mirador principal, a tabacaria de um dos seus chefes — o famoso Marques da rua do Ouro^(rua) — o qual igualmente interessado, o seguira já varias vezes no carro, espreitando-o atravez das vitrines, quando ele entrava n'algum estabelecimento, e lançando-lhe miradas falsas, como o tenente explicára mais tarde a alguns dos seus amigos. Narrára-lhes ele igualmente, a visita misteriosa que a sua familia recebera havia um mez, de duas senhoras desconhecidas, as quáis a pretexto d'um casamento possivel entre ele e uma sua sobrinha, haviam solicitado as mais minuciosas informações a seu respeito: — Horas a que entrava e saía da repartição, meios de fortuna, as pessoas que frequentava, etc., etc., tendo-se retirado depois, sem sequer dizerem os seus nomes.

Tudo pois indicava ao Alberto Soares que, qualquer traição se preparava na sombra contra ele.

Na noite da vespera do assassinato, reuniram-se pela ultima vez os formigas, num escritório de comissões da rua Augusta, onde havia pouco se instalára uma agencia, e ali deliberaram esperal-o na rua do

Ouro á passagem, e liquidál-o, sem hesitações nem escrúpulos.

Efétivamente, no seguinte dia, quando o tenente regressava do Arsenal, notou ao chegar defronte d'um estabelecimento da rua do Ouro, conhecido pela *Casa dos Enxováds*, que dois sujeitos de aspecto suspeito o seguiam desde o Terreiro do Paço. Ele porém era bravo, e foi sorrindo que respondera a uma advertencia do seu camarada Vitál, a tal respeito: — «que, para livrar-se de táis individuos lhe bastaria um grama de pós de Keating.»

Seguira então rua acima, em direcção ao Rocio, quando a meio da rua veiu ao seu encontro um outro amigo, o qual lhe recomendou: tivesse cuidado, pois vira que um grupo suspeito espreitava as imediações do hotel Francfort, da rua de Santa Justa.

Fôra n'esse momento que uma velhota o abordára igualmente dizendo-lhe:

— Tenha cautela, meu senhor, pois vi ali em cima ao passar, um grupo de sujeitos mal encarados que o estavam apontando ouvindo até um d'eles dizer:— Iria até á morte. — Vá p'ra casa meu senhor, vá p'ra casa...

Taes prevenções não eram de carácter a conservar tranquilo o espirito do official, ao qual este ultimo aviso trazido por uma pessoa sua conhecida — a velha enfermeira que acabara de o avisar com as suas palavras trémulas, denunciantes de terror e de amizade, — resolveram a recolher ao hotel, seguindo para lá, directamente, n'um passo moroso, simulando tranquillidade e indiferença.

Ao passarem porém defronte do predio n.º 266 aperceberam dentro do portal que dá ingresso ao armazem de sedas instalado no primeiro andar, um grupo de individuos que os expiavam.



Formigas premeditando o assalto

—Ahi os tens, vês? — disse-lhe o amigo em voz baixa.

— Deixal-os lá, pois dois homens prevenidos valem por vinte. Além d'isso estamos chegados e não é natural que me agridam a tiro em pleno dia.

Transpunham já a porta do Francfort, quando o tenente recebeu uma forte bengalada na cabeça vibrada por um dos individuos que se encontravam, como por acaso, junto ao portão do hotel, e aos quais

se vinham reunir, correndo os restantes que momentos antes se achavam escondidos no patamar do prédio 266.

Enquanto a vítima, atordoada pela brutal agressão, entrava precipitadamente no vestibulo do hotel, conseguiu o amigo, que o acompanhava, segurar pelo pescoço o covarde agressor que desesperadamente lutava para desembaraçar a garganta dos dedos crispados que lh'a apertavam nervosamente, asfixiando-o quasi. Arrastara-o para o interior do pateo, ao passo que o tenente, conseguiu subir alguns degraus da escadaria, defendendo-se energicamente dos golpes de cavalo marinho que a horda sedenta de sangue lhe vibrava precipitadamente.

O pessoal do hotel fugira covardemente, e dentro, o companheiro que até ali conseguira dominar a um dos agressores, vendo cambalear o amigo, correu em seu socorro, largando o sicario que d'um salto se precipitou para junto do portão.

O tenente com o olhar cravado nos assassinos que entravam no atrio, gritou erguendo os braços:

—Prendam-me, mas não me matem!

Como resposta a esta prece desesperada, capaz de paralisar as mais embutadas consciencias ouviu-se o Santos bradar-lhe:

—Ainda estas de pé malandro?— palavras seguidas de duas detonações consecutivas.

O amigo da pobre victima nem tempo teve de a amparar. O Soares, d'esta vez mortalmente ferido, caíra pesadamente de bruços, meio dobrado sobre o primeiro

patamar da escadaria, com um olho vasado, sanguinolento e a boca contraída e vertendo sangue.

Cheio de terror olhou os sicarios e viu o homem que ha pouco tivera quasi esganado entre os seus dedos, brandindo ainda a pistola assassina que acabara de disparar.

Cá fóra, ouviam-se gritos roucos de: Viva a Republica! Morte aos talassas!

O primeiro agressor que disparára, conhecido pelo Garibaldi, fugira espavorido, indo refugiar-se na loja do seu cumplice Marques, exclamando:

— Sou um desgraçado! matei um homem! O que será da minha mãe quando o souber!..

Vinha em cabelo, com o rosto espantado e denunciante d'um terror invencivel!

Esse miseravel, a quem os cumplices esconderam durante alguns dias, fugia pouco depois para o Brasil. O chapéu de palha que perdera durante a refrega, foi nesse mesmo dia entregue no Governo Civil, ao juiz encarregado de levantar o respétivo auto, o Dr. Alfeu da Cruz.

Aquele que disparára os outros tiros, era um dos mais fieis executores das ordens dos chefes a quem denominavam o Santos Maluco. Como declarasse não ser ele o assassino e houvesse apenas uma testemunha de vista, o amigo da victima, que sob palavra de honra declarára ser o Santos quem assassinara o tenente, fôra mais tarde afiançado por um conhecido advogado e publicista, graças ao qual obtivera a liberdade.

Facto curioso: o unico policia que apparecera no

local espantado e medroso, nada fizera, contemplando como qualquer curioso o barbaro assassinato e agitando imbecilmente os braços em frente do portão do hotel! .

Como requintada crueldade, quando o automovel, que o amigo do Soares fôra buscar correndo para o conduzir ao hospital, parou em frente do hotel, a multidão sanguinaria opôs-se á partida do cadaver sob pretexto de que o talassa havia de morrer ali.

Aos gritos de morte aos talassas e aos traidores seguiam-se os de viva a Republica; e toda essa feroz canalha contemplava friamente o pobre assassinado a quem injuriavam com palavras obscenas mesmo depois da morte!

Eram as sangrentas tragedias que, no termidor ensanguentaram as ruas de Paris e que para sempre marcaram de infamia e crueldade uma republica que apparecera a todos como regeneradora e benefica, as que agora começavam a encher de pavor as tranquilas ruas da baixa.

Os *sans culottes* pululavam ululando em cata de vinganças faceis de obter e de regalias que o seu hypocrita zelo inspiraria aos corrutos chefes.

Era a *formiga* infréne, despejando a sua ferocidade interesseira protegida pelas autoridades e pela passividade cobarde duma povoação aterrorisada.

Toda a lama do charco vinda á superficie e alastrando como uma nodoa oleosa, ameaçava a envenenar toda a cidade, volvendo-a de pacifica na mais desoladora e intranquila das capitais.

D'aí em diante o terror, acordaria repetidas vezes os seus pacíficos habitantes e esse povo outr'ora bondoso, confiante e que tudo suportaria sempre com a mais extraordinária das bonhomias, tornar-se-ia ao contacto com o crime, n'um populacho agressivo, desordeiro e cínico.

Foi só quando algumas pessoas caritativas constatarem que o pobre oficial estava morto, que o seu corpo sangrento foi conduzido numa carruagem para a morgue. A autopsia verificou que uma das balas entrando-lhe pela orbita direita e vasando-lhe o olho, se lhe alojára no cerebro e que a segunda, que lhe penetrára pela boca, lhe cortára a carótida.

Ambos os tiros lhe haviam dado morte instantanea. O seu corpo via-se sulcado na região lombar e nas pernas, de vergões d'um rôxo livido, causados pelos inumeros golpes que lhe haviam vibrado os sicarios.

*
* *
*

Uma hora depois do tragico acontecimento, introduzia-se na pacifica casa da noiva do assassinado, — onde uma alegria casta de esperança tingia de rosa as juvenis faces da linda rapariga que em breve desposaria, — um dos ferozes esbirros que haviam assistido á pavorosa agonia.

Uma vez na sala, alegando uma nova de importancia a comunicar á menina, exigira a sua presença. A' criada, que o introduzira, pedira um copo d'agua que esvasiára d'um trago, queixando-se de sêde e de cançasso.

Não déra o seu nome, e quando mais tarde, a rapariga fôra interrogada a tal respeito, respondera sómente: que o tal sujeito, era alto, trazia um grande laço preto ao pescoço e lhe parecera um estrangeiro pela barba loira e pelos olhos claros.

Apenas a noiva do assassinado entrara na sala, logo elle brutalmente lhe dissera, sem mais preambulos:

— Minha senhora, o seu noivo acaba de ser morto a tiros de Browning e conduzido á morgue. E' assim que morrerão todos os talassas e todos os inimigos da Republica.

Ela escutara-o hirta, sem um movimento, com um tremor nervoso nos labios, o olhar fixo posto n'ele como se olhasse a um carrasco.

— O meu coração já o adivinhava — murmurou ella — Pobre Alberto!

Apontou com o dedo a porta ao *formiga*, o qual perante esse olhar acusador se retirou precipitadamente como fugindo a um remorso.

Ela então dirigiu-se a passos lentos para junto d'uma secretaria da qual abrindo uma gaveta, tirou um pequeno revolver.

Sem um gesto de hesitação, examinou-o rapidamente, colocou o cano sobre o coração e desfechou.

Quando a carinhosa mãe e seus irmãos penetraram no aposento, encontraram-a estendida sobre o tapete com os labios entreabertos pela ultima prece de amor que murmurára.

Era mais uma victima imolada á ferocidade estu-

pida d'esse bando de assassinos os quaes, em nome da Republica, começavam a sua obra de deshonor e de ignominia para o idial principio de ha tanto almejado pelos que por ele haviam arriscado com sinceridade a vida e a fortuna, animados pelas dôres de todos os que sofrem.

*

*

*

Escrevi todo este capitulo, graças ás confidencias que o meu fiel Raposa me trouxera acerca do infame assassinato que lançára toda a população de Lisboa n'um estado de consternação e pavor indescritiveis.

Perante tal crime, cometido em pleno dia e n'uma das ruas principais de Lisboa, a segurança individual tornava-se d'alí em diante uma quimera e as demais leis da constituição nenhuma garantia nos poderiam oferecer.

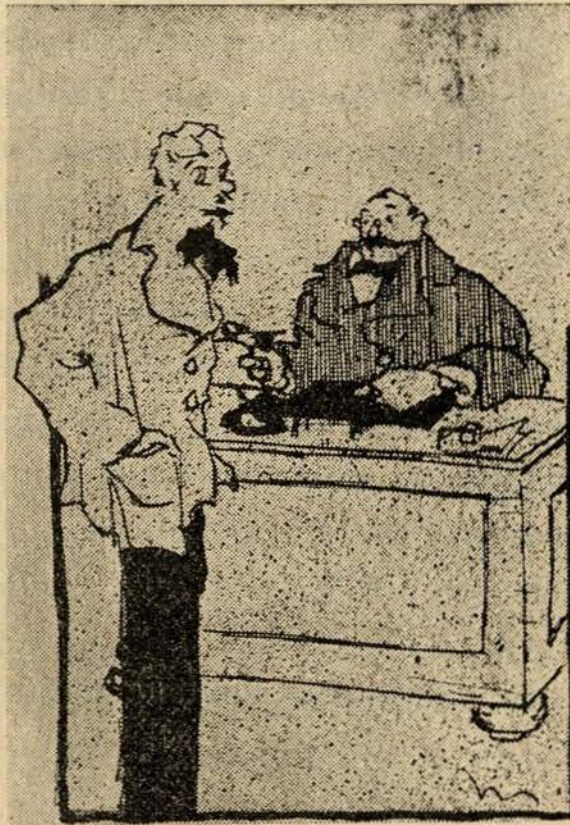
Era o crime galopando pelas ruas, penetrando nos interiores das casas como um corcel de morte desenfreado e sem dono.

Restava-me o informar-me acerca dos principais actores da sangrenta façanha.

Interroguei o Rapoza.

— Estiveste no logar do crime? conheces os seus auctores?

— A maior parte d'elles! — respondeu-me com firmeza. — Sabendo que o crime se ia efectuar ainda procurei avisar o tenente. Infelizmente cheguei tarde e justamente no momento em que o Garibaldi fugia para a tabacaria do conhecido *formiga* Marques das barbas. Vi porém perfeitamente todos os do grupo. Quem os comandava eram o Borges das bombas, o Ernesto Pope e o Cabarraz das barbinhas, os res-



Juiz falando com o agente

tantes eram o Alfredo côxo, interprete dos hotéis e faquista com um espantoso cadastro na policia, o Armando d'Azevedo, o Vieira Marques — que se diz átor,

—um barbeiro da Ribeira Nova, chamado Martins, conhecido pelo Cabeça Falante, um cabo dispenseiro da Armada, o José Simões mercieiro da rua dos Retrozeiros e o Santos maluco a quem todos atribuem a morte do tenente.

Todos estes nomes me eram conhecidos de ha muito mas confesso que nunca julgara tais individuos, capazes de praticarem um crime com tais requintes de crueldade, não pelo moral de tais personagens mas pela sua proverbial cobardia.

Como sempre supuz, apesar da prisão d'alguns d'esses individuos e do auto de investigação mandado levantar pelo juiz competente que tal assassinato ficaria impune, o que demonstra claramente a preponderancia e o favor de que ainda hoje gosa, por parte d'alguns altos funcionarios da Republica, a famigerada formiga branca. Contou-me mais tarde o meu agente que, no dia do assassinato, haviam telefonado por varias vezes, tanto da Brazileira do Rocio como do escritório d'um conhecido advogado situado n'uma das ruas da Baixa para a redacção d'«O Mundo». Prender-se-iam tais avisos com as premeditadas combinações do crime?...

Ficará tão monstruoso atentado para sempre impune?

NOTA — Todos os nomes citados se encontram descritos no auto da investigação actualmente em poder do juiz Dr. Alfeu da Cruz.

AOS NOSSOS LEITORES

A' imprensa, aos nossos amáveis colaboradores e ao publico em gerál aqui deixamos patente todo o nosso reconhecimento, pela maneira carinhosa como acolheram a nossa iniciativa.

De todos esperamos, como até aqui, continuem a dispensar-nos a sua valiosa cooperação nesta obra de saneamento que jurámos vencer apesar de todas as contrariedades de que temos sido victimas.

Pena é que a nossa iniciativa tenha sido ignobilmente aproveitada não só por gente da *Formiga Branca*, como também por outras pessoas que julgámos sempre leáís amigos.

Apareceu á venda nos ultimos dias, um postal tendo por envolucro um subscrito com o titulo que serve de epigrafe ao nosso folheto. Mais uma obra da *Formiga Branca* para assim explorar a opinião publica, e não contentes ainda, apareceram nas tabacarias a liquidar a respétiva cobrança, em nosso nome.

A que ponto chegou a *Formiga Branca*!...

O nosso folheto é vendido pelo preço de 50 réis.

AVISO

A todos os nossos leitores prevenimos que não comprem senão o nosso folheto o unico que tudo pode revelar, porque appareceu á venda com o titulo Os Crimes da Formiga Branca, uma burla, obra d'um dos d'essa canalha, chamado Falcão com um estabelecimento na calçada do Combro.

De tudo são capazes! . . .

O Editor



No proximo numero: a VERDADEIRA historia do assassinato do 1.º sargento Pereira —da Rua Victor Gordon— não confundir com a pseudo narração d'um jornal da noite.

A seguir publicaremos a morte do major Correia, o celebre complot da Praia das Maças, os casos do general Jayme de Castro, Motta Capitão d'Evora, do assalto e roubo ao Club da Praça dos Restauradores, do assassinato do guarda da esquadra de S. Sebastião da Pedreira, caso do cemiterio d'Ajuda, incendio do Centro Catolico, etc. etc. etc. disfarçados em sargentos do exército e em membros de homens de bem, etc.



80216026